

CABEÇALHO:

GASPERI, Marcelo Rocco. Os Discursos da cidade: Jogos de Exclusão e de Enfrentamento. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorado; Orientado por Mariana Lima e Muniz. Professor Assistente (Universidade Federal de São João del Rei -UFSJ) e Diretor Teatral.

RESUMO

O presente texto fará uma breve análise acerca do fenômeno de assimilação das ideologias culturais dominantes como parte do embasamento das relações culturais, cujas produções estéticas são constantemente afastadas do cidadão ordinário. Esclarecendo melhor este pensamento, pode-se dizer que o cidadão ordinário recebe os sinais regulamentados a partir de uma demanda hierárquica, muitas vezes institucionalizada, dando continuidade, assim, à reprodução destes sistemas. Sendo assim o objetivo do presente texto, entre outros pontos, será o de refletir sobre o cidadão que não aparece em grandes instâncias como produtor legítimo das ações do cotidiano, sendo colocado, muitas vezes, na função quase que exclusiva, de consumidor. Para isto foi realizado um pequeno levantamento bibliográfico acerca do conceito de "cotidiano", analisado por Certeau (1998), bem como a noção de discurso, elaborada por Foucault (1996), entre outros autores secundários. O texto ainda traz em contraposição a este fenômeno, breves noções de intervenções urbanas, de cunho artístico, como possibilidades reais de enfrentamento diante dos discursos enraizados de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Poder. Exclusão. Enfrentamento. Cotidiano. Intervenções Urbanas.

ABSTRACT

This article will give a brief analysis about the phenomenon of assimilation of the dominant cultural ideologies as part of the foundation of the cultural, aesthetic whose productions are constantly away from the ordinary citizen. For clarification this thought, we can say that the ordinary citizen receives signals regulated from a hierarchical demand often institutionalized, continuing thus the reproduction of these systems. Thus the objective of this text, among other things, will be to reflect on the citizen who does not appear in large bodies as legitimate producer of everyday actions, being placed, often in the function almost exclusively of consumers. To this was done a little literature about the concept of "daily", coined by Certeau (1998) and the notion of discourse, developed by Foucault (1996), among other secondary authors. The text also brings in opposition to this phenomenon, urban interventions artistic nature as real possibilities of coping before rooted discourses of the power.

KEYWORDS: Power. Exclusion. Confrontation. Daily. Urban Interventions.

OS DISCURSOS DA CIDADE: JOGOS DE EXCLUSÃO E DE ENFRENTAMENTO

Certeau (1998) descreve que as diferentes culturas se estabelecem a partir das relações conflituais do cotidiano, nascidas, muitas vezes, da competitividade, cujo enfoque se dá na luta entre os “fortes” e os “fracos”, não sobrando espaços de neutralidade em meio a este embate. A elaboração do *habitus* advém da interiorização das formas estruturais deste enfrentamento, em que, muitas vezes, o ser, visto como o “mais fraco” adquire a ideologia do “mais forte”, considerado, por sua vez, o “vencedor”, regulando, mesmo que momentaneamente, a organização do aparato social. A tentativa de estabilização do *habitus* só se torna possível porque os códigos de conduta passam a ser exteriorizados pelo senso comum, transformando as ideologias em práticas rotineiras, cujos processos de socialização dão o caráter de relevância às ideologias do “vitorioso”. Neste caso, o discurso do vencedor passa a ser visto com autoridade, reestruturando estrategicamente a dinâmica do capitalismo contemporâneo. Logo, o estreitamento entre discurso e poder cria combinações de regimes políticos com grandes recursos de persuasão.

Este jogo apresentado visa, entre outras funções, totalizar o pensamento a partir da lógica dominante, criando certa legitimidade ao “vencedor” que tem sua fala reproduzida em diferentes meios sociais, em maior ou em menor escala. Deste modo, a estrutura hierárquica se faz parecer estável, pois é repetida constantemente em meio ao convívio entre os seres. Este processo de apropriação da fala alheia, neste caso, de quem “venceu ou está vencendo”, faz com que o desejo do outro seja ideologicamente assimilado, tornando-se o anseio de muitos, na tentativa de uniformizar a dinâmica organizacional do cotidiano. Nesta perspectiva, cresce-se uma cultura de pensamentos padronizados, cujos critérios pré-fabricados de normalidade cotidiana são aceitos por grande parte da população. No caminho traçado da introjeção para a exteriorização do pensamento, o *habitus* passa a ser codificado como um fenômeno naturalizado da cultura, que se reduz aos propósitos básicos dos seres humanos, compreendidos pelos mesmos como um caráter quase universal, ou seja, como se fosse próprio de toda cultura. Em outras palavras, o entendimento sobre o que é ideal atravessa o entendimento de cultura, vista agora de forma homogeneizada.

Essa pressuposição classifica as noções de cotidiano a partir de critérios como os de competitividade, reduzindo, por diversas vezes, a pluralidade, sobretudo por esta não se pautar no binarismo comum dos ditos “fortes” e “fracos”, deixando, assim, a heterogeneidade fora deste jogo (CERTEAU, 1998). O uso diário destas estratégias passa a tornar o cotidiano habitável sob as feições referidas acima, e a ordem, quase sempre hierárquica, pode tornar-se aceitável. As posições privilegiadas de classes abastadas são vistas como status a ser almejado, como estruturas a que todo o ser humano deve percorrer em um longo processo de desejo e, posteriormente, frustração, uma vez que estas situações de poder são características advindas da exclusão sistemática do outro. O outro aqui se torna a base para que as composições das classes sociais permaneçam injustas, para que determinadas pessoas se distingam das demais pelo poder que abrigam, na diminuição do regime democrático.

Esta combinação de produção e reprodução dos códigos culturais pode servir às pretensões da elite, cujos princípios norteadores são “conciliar” o afastamento do cidadão comum da possibilidade de construção da cultura em seu cotidiano, fazendo este desejar as ideologias dominantes, excluindo a possibilidade de manifestação e/ou rejeição perante tais códigos. Tal distanciamento da produção cultural pode trazer ao cidadão comum um pensamento fragmentado, parcial da feitura cotidiana, mantendo as hierarquias sociais de maneira repetitiva e gasta, operando na forma marcada pelo poder dominante. Sendo assim, o indivíduo pode passar a reproduzir a cultura difundida pela classe influente sem se dar conta dos processos que o levaram a esta continuidade.

O espalhamento deste pensamento passa a ser nocivo às construções das identidades humanas, interferindo de forma corrosiva nos processos sociais, pois os interesses que entram em voga são pensados a partir da governabilidade de uma elite, disseminando aos pobres, ao seu bel prazer, a possibilidade de uma permanência quase eterna no poder, passada através de gerações e gerações nas poucas famílias abastadas, contrariando qualquer pretensão de igualdade de acessos.

As sucessivas vitórias dos discursos persuasivos desafiam cada vez mais a democracia em seu sentido amplo, pois se supõe repetir a pouca participação popular nos processos políticos, manipulando as mídias, obscurecendo debates, escondendo as reais razões das injustiças sociais. Por um lado, o pensamento nuclear da desigualdade opera com a consciência da necessidade de se manter como o centro da sociedade, por outro lado, convive com a ameaça constante da possibilidade da perda do poder. O medo da tomada de consciência por parte das pessoas que não têm os mesmos acessos provoca, certamente, as bases da coação e do investimento maciço em ideologias elitistas que garantam a “normalidade”.

Problematizando ainda mais esta questão, pode-se pensar que tal sistema é realmente estabilizado? Não sobram espaços para a improvisação? Restam brechas em que subsiste uma cultura de confronto diário? As ideologias dominantes não são questionadas, nem que sejam por uma minoria?

A exclusão e o enfrentamento: discorrendo sobre as Intervenções Urbanas

Pode-se dizer que parte dos discursos sociais está livremente acessível à população e parte restrita a quem detém as falas hegemônicas. Nesta função cotidiana de conservação, restrição e abertura de discursos, há os sistemas detentores discursivos que visam à circulação dos mesmos em um circuito discreto, fechado, cujas regras implicam, entre outras, em determinar a acessibilidade das produções do conhecimento (FOUCAULT, 1996). Neste caminho, os enunciados que estão em sintonia ao pensamento hierárquico devem tornar-se falas “verdadeiras”, vistas com seriedade para que haja a sua reprodutibilidade em larga escala. A veracidade desta propagação deve acontecer de tal forma que seja vista como algo singular, apropriada pelo cotidiano, conferindo ao discurso a faculdade de legitimidade social.

A ordem do discurso aparece, então, entre o caminho de exclusividade e a posterior divulgação, entre o que deve ser escondido e o que deve ser revelado, preservando assim, forças econômicas, políticas e sociais. Logo, o reconhecimento dos discursos pode dar ao cidadão comum o sentimento de pertencimento à lógica cotidiana da cidade, tornando-se parte desta, validando as ideologias que lhe foram postas em diferentes âmbitos sociais. Esta adequação aos códigos sugere uma determinada conduta do indivíduo em relação à sociedade em que vive, para que este seja coerente com as demandas políticas destinadas a ele em seu meio de pertencimento.

Em meio à crise das experiências compartilhadas, diversos sujeitos subvertem as relações enrijecidas entre espaços públicos e mercado e as analogias que colocam o cidadão como mero consumidor pagante, extrapolando, assim, as noções usuais da cidade. Neste sentido, a tentativa de controle de utilização dos espaços cotidianos entra em constante colisão com os desejos dos cidadãos que visam escapar, apropriar e desmembrar ordens prévias do sistema hierárquico, provocando simultâneas tensões, disputas e manifestações que desafiam certos discursos estratificados de poder. Tal inconformismo perante a institucionalização do uso da rua e demais espaços públicos, que visa definir “quem” e “quando” usar tais locais, gera em parte dos cidadãos, o anseio de preencher tais espaços com ações alheias ao ritmo usual da cidade. A partir de diversas formas de ocupações e mantendo a liberdade de uso da rua como ideário político, muitos grupos sociais se movimentam na contramão da lógica predominante, criando alternativas para consumir a cidade.

Utilizando as ruas como um ato político, pode-se dizer que parte dos cidadãos almeja a percepção além da espetacularização, criando novas possibilidades de discursos mediante aos fatos apresentados. A rua como um território vivo dentro do eixo urbano, repleta de tensões e vontades por parte dos sujeitos que passam por ela, pode resultar em diferentes formas de utilização e compreensão de seu uso contínuo. Como eixo de passagem dos transeuntes, a rua e os espaços públicos podem ser vistos também como passarelas de identidades, reflexão e energias compartilhadas, testemunhando diferentes formas de vida (CARREIRA, 2007).

Dentro das possibilidades de diferentes usos do espaço urbano, as ações artísticas em espaços públicos aparecem como uma entre várias probabilidades de ativação da cidade contra as circunstâncias dadas pelo capital. Considerando as ações artísticas como atos sociais e políticos, as poéticas artísticas performáticas surgem como eixos capazes de ampliar a consciência dos atores sociais. Este enfrentamento entre determinados poderes hegemônicos enraizados nas cidades e as intervenções artísticas somente é possível pelo fato do cotidiano não ser exato, e sim, permeável, mutável, viabilizando rompimentos e cruzamentos de ideias. A rua e os espaços públicos tornam-se locais privilegiados no campo das intersecções, pois eles são abertos à livre circulação de identidades, pessoas, gêneros, etnias. Sendo assim, por meio das ruas, certos acontecimentos podem escapar às formas pré-estabelecidas pela ordem capitalista de uso da cidade, pois os corpos intervêm sobre outros corpos, em um caminho duplo de reflexividade e [auto] reflexividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. São Paulo: Editora Forense-Universitária, 10ª edição, 2007.

CARREIRA, André. *Teatro de Rua - Brasil e Argentina nos anos 1980: Uma paixão no asfalto*. São Paulo: Aderaldo e Rothscild Editores, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições, 1996.